



CRIAR

TEXTO  
ANA DIAS FERREIRA

SÃO POTES DE BARRO COM  
PERSONALIDADE, ABANICOS  
DE PALMA COM PORMENORES  
GRÁFICOS E TAÇAS DE  
COBRE SEM DESPÉRDICIO.

OBJETOS NASCIDOS NO  
INTERIOR DO ALGARVE,  
DO ENCONTRO ENTRE O  
ARTESANATO TRADICIONAL  
E O DESIGN CONTEMPORÂNEO,  
REUNIDOS NA EXPOSIÇÃO  
“DE LOULÉ” E AGORA  
À VENDA TAMBÉM NA LOJA  
DEPOZITO, EM LISBOA.

PARA QUE ESTES OFÍCIOS  
NÃO DESAPAREÇAM.

O COBRE é um bom condutor – de energia e desta história. Usado largamente pelos mouros – “e, afinal, foram 500 anos de ocupação” –, faz parte dos primórdios do Algarve e também, desde o início, do projeto Loulé Criativo. A iniciativa foi criada em 2015 pela Câmara Municipal de Loulé para falar da identidade deste território do interior algarvio, através do artesanato. Coincidência ou não, foi no ano em que morreu o último caldeireiro do concelho “e a arte desapareceu”.

“Esta tradição sempre foi tão forte que no passado chegaram a existir minas de cobre de pequena dimensão”, contextualiza Teresa Mascarenhas, coordenadora das oficinas do Loulé Criativo e que ainda se lembra de ouvir na rua o som dos martelos a bater no metal. “Na década de 1960, o ofício entrou em declínio e muita gente abandonou a profissão. Restou a Caldeiraria Louletana, onde faziam caldeiras e alambiques, do mestre Ilídio Marques. Quando ele morreu subitamente, morreu também o ofício no Algarve.”

Foi precisamente para dar continuidade às artes e ofícios ancestrais – “adoramos o nosso passado, mas queremos que haja futuro”,

resume Teresa – que o projeto camarário nasceu, promovendo residências de artesãos e designers, novas formações e roteiros de turismo criativo. Numa dessas residências, em parceria com o Projeto Tasa, também do Algarve, o cobre reapareceu.

A residência chamava-se Makers Meal, ou Mesa Partilhada, e envolvia artesãos portugueses e escoceses com um objetivo: fazer tudo para um jantar, da comida aos talheres. “Fizeram a mesa, os bancos corridos, as louças, mas faltava um elemento importante: um tacho para as papas de milho”, recorda Teresa Mascarenhas. Foi nesse momento que alguém se lembrou de um colega que tinha sido caldeireiro quando era novo. “Era o senhor Analide Carmo, mestre caldeireiro que começou a aprender o ofício com 12 anos e o abandonou aos 25, para trabalhar na Cimpor”, conta Teresa. “As condições eram melhores”, atira o próprio, como quem arruma o assunto.

À beira da reforma, Analide aceitou o desafio de formar uma nova geração de caldeireiros. Simultaneamente, a Câmara pegou na antiga Caldeiraria Louletana

1

## TAÇAS GERMINADAS

Material: Cobre

Design: Hugo da Silva

Artesão: Analide Carmo

Preço: a partir de 92,30€

Responsável por ter trazido de volta a Loulé a arte de trabalhar o cobre, o senhor Analide é a estrela pop da Oficina dos Caldeireiros. É muito carismático e estas peças mais orgânicas são feitas por ele com o designer Hugo da Silva. O cobre está muito caro, e o que se está a fazer aqui é uma espécie de puzzle onde não há desperdício. Ou seja, é a rentabilização da chapa até ao limite. Só sobram uns triângulinhos – e até com esses foram desenvolvidas umas joias com outro caldeireiro, o Jurgen [Cramer].



e transformou-a na Oficina dos Caldeireiros, uma das seis oficinas atualmente reativadas e inseridas na rota de turismo criativo de Loulé, juntamente com a Casa da Empreita ou, mais recentemente, a Casa do Esparto, instalada numa antiga escola primária.

Hoje com quatro artesãos ativos, é da Oficina dos Caldeireiros que saem as tradicionais cataplanas assinadas por Analide – “precursoras da panela de pressão e procuradas no país inteiro”, garante com orgulho –, mas também objetos contemporâneos, como os candeeiros desenhados para o restaurante Austa ou as “taças germinadas”, criadas dentro do Loulé Design Lab para trabalhar o aproveitamento do desperdício. De formas orgânicas, estas taças fazem parte da coleção reunida na exposição “De Loulé: diálogos entre artesãos e designers”, que em junho viajou do Algarve para Lisboa, até à loja Depósito, onde estão agora à venda.

Ao todo são mais de 50 objetos criados à mão, com materiais do Algarve como a palma, o cobre, o esparto, o barro e a madeira de oliveira – alguns

em encontros improváveis, como a asa de cataplana que serve de suporte a um cesto de parede. “Em busca de produtos locais de nova geração” é o lema que deu origem a duas residências, nas quais três designers de Loulé foram convidados a regressar à sua cidade natal não só para trabalhar com artesãos, muitas vezes desafiando-os a saírem da sua zona de conforto, mas também para identificar problemas económicos e sociais, como o reconhecimento do valor do trabalho ou a média de idades, que se situa nos 75 anos.

“Trabalhamos na capacitação dos artesãos e na atualização do artesanato, e também ajudamos projetos mais contemporâneos, apoiando na divulgação e criação de marca”, resume Henrique Ralheta, um dos três designers convidados a regressar e que acabou por se tornar coordenador do próprio Design Lab, o braço do Loulé Criativo onde mais ativamente se tenta levar inovação às artes tradicionais.

Os objetos que se seguem são o melhor exemplo desse trabalho, comentados pelo próprio curador.

## PEÇA PROCESSO

Material: Cobre  
Design: Henrique Ralheta  
Artesão: Nuno Palma (cobre)  
e Wesley Sacardi (madeira)  
Preço: 119,90€

Na peça Processo conseguimos ver as várias fases pelas quais passa o cobre quando é trabalhado, de uma forma cronológica, da esquerda para a direita. Primeiro temos o corte, depois o cobre é queimado para amolecer e o momento da queima deixa estas texturas. As primeiras marteladas voltam a enrijecer o material e começam a moldá-lo, e se for preciso voltar a conformar a peça, ela volta a ser aquecida. Depois do areado de limpeza, há uma segunda batida que caracteriza os caldeireiros de Loulé, e por fim o polimento, em que o material fica com brilho. É uma peça semifuncional: quando colocada na parede, tem uma natureza mais decorativa; na mesa, dá para servir uns aperitivos. A base é de madeira de oliveira, muito comum no Algarve.



# 3

## CANDEEIROS DE EMPREITA À HORA

Material: Palma  
Design: Henrique Ralheta  
Artesã: Odete Dias  
Preço: a partir de 110,70€

Uma das peças que desenvolvi é a que considero mais política, ou ativista, porque trata da questão do valor do trabalho. Na primeira residência, em 2017, percebemos que havia alcofas a serem vendidas a 15€ que tinham demorado um dia inteiro a fazer, o que dava um valor à hora assustador. Tentando encontrar um valor mais justo, e ao mesmo tempo alertar para este problema, criei as taças e candeeiros de empreita à hora. No processo de produção de qualquer peça de cestaria, há um momento em que as artesãs fazem um rolo com a empreita, que é a trança de palma. E elas fazem os rolos sabendo quanta empreita precisam para uma peça maior ou mais pequena. Isto é medido às braças, que são braços de artesão abertos, por isso é uma espécie de linha do tempo. As artesãs conseguem fazer três braças por hora: portanto, neste candeeiro maior estão quatro horas de trabalho, e no mais pequeno estão duas. Existem também candeeiros de teto de 15 horas e taças que têm a particularidade de poderem ser espalmadas para levar na mala, uma vez que a economia do Algarve está muito ligada ao turismo.



## ABANICO

Material: Palma e madeira de oliveira

Design: Henrique Ralheta

Artesãos: Sónia Mendez (palma) e Wesley Sacardi (madeira)

Preço: 59€

Os abanicos são um clássico, e no geral são presos com um prego e o prego é dobrado de uma forma meio bruta. Aqui cosemos a pega de madeira com a própria palma, que acaba por ter um efeito gráfico. Na mesma lógica, fizemos também um conjunto de escovinhas, sem recurso a materiais não naturais ou cola.



4

5



## GARRAFA

Material: Barro

Design: Hugo da Silva

Artesão: Ricardo Lopes

Preço: 73,80€

Esta garrafa é uma referência ao acervo arqueológico de Loulé e aos museus arqueológicos em geral, onde muitas vezes, não tendo a peça inteira mas apenas cacos, se fazem modelos em barro do que se adivinha ter sido a forma original, integrando esses casos posteriormente. O Hugo queria trabalhar com esse referente, e o oleiro fez uma contraproposta com esta técnica que conhecia, em que moldou a peça, pôs inserções de barro mole – e isto são cores mesmo do barro, preto, verde e branco – e depois voltou a rodá-la. O resultado é este efeito, que quase parece uma paisagem.

## POTES CABEÇUDOS

Material: Barro, cobre e palma

Design: Henrique Ralheta

Artesãos: Sónia Mendez

(palma), Ricardo Lopes (barro)

e Nuno Palma (cobre)

Preço: a partir de 36,90€

Há um Carnaval muito forte em Loulé e aqui temos a personificação destes potes, ao jeito dos cabeçudos. São muito inspirados no trabalho de Sónia Mendez, uma artesã de empreita que recentemente foi também aprender a trabalhar o barro e acabou por fazer uma exposição onde cruzava os dois materiais, com uma certa dose de loucura. Foi a partir dessa loucura e dessa liberdade dela que criei estes objetos. Os potes têm uma silhueta tradicional, em barro ou cobre, e pode-se decidir que cabeça colocar. Há a tampa “orelhas”, “odalisca”, “turbante”... Cada uma tem um nome e uma personalidade.



6

7



## VASSOURAS, ESCOVAS E TAPETE LENHA

Material: Esparto

Design: Vanessa Domingues

Artesão: Isidoro Ramos

Preço: a partir de 27,70€

A última oficina que abrimos é de outra arte que estava parada – o esparto –, e fica na antiga Escola Primária das Sarnadas, uma aldeia no interior de Loulé onde o conhecimento existia mas estava adormecido, por falta de vendas. Através da Casa do Esparto, onde já estão agora cinco senhoras, descobrimos também um artesão do concelho vizinho, o mestre Isidoro, que trabalhou em telecomunicações e tem um malão com amostras sistematizadas de todas as técnicas. Estas são as vassouras do mestre Isidoro, criadas com a Vanessa [Domingues], onde basicamente eles fizeram apenas alguma afinação de coisas que já existiam, tornando-as mais simétricas ou misturando dois tempos: o esparto já seco e o esparto verde. São peças contemporâneas com inspiração nas técnicas que estavam na tal mala e incluem uma vassoura de chão, duas vassouras de mão, uma escova e uma escova para cogumelos.

Foi também o mestre Isidoro que fez o porta-lenha [p. 48], inspirado na robustez dos tapetes e dos cestos de esparto, mas com um design mais simples e que dá para transportar.